



# Caderno de Cultura Nódoa no Brim

## **SOBRE A POESIA QUE VENDE**

*Marcos Siscar (UNICAMP)*



Há uma ideia já antiga, realista e ao mesmo tempo estratégica, de que “poesia não vende”. Ainda não está muito claro se isso seria uma vantagem ou uma desvantagem para a poesia. Mas o fato é que os livros de poesia costumam ser recusados por livreiros e, conseqüentemente, olhados com polida antipatia quando apresentados aos editores. Alega-se desinteresse do público. Segundo uma discussão curiosa, especula-se se seriam 300 ou 3.000 os leitores de literatura contemporânea, no Brasil. A estimativa é tão incerta quanto impraticável, uma vez que leitores de poesia não leem poesia apenas em livros nem compram necessariamente os livros que leem. De resto, a internet complicou de uma vez por todas esse tipo de cálculo.

## Diabo Triste

Marcos Siscar

O diabo tem um olhar triste em que moram  
 pesados devaneios irmãos de todas as coisas  
 meu irmão mãos malhadas de passar a ferro  
 uma eternidade de palavras pernas magras  
 cruz de sua sede irrefletida os ombros curvos  
 sobre o pulmão o gesto fogueira do desejo  
 luzes foscas no cabelo as veias secas  
 como fontes em que o amor não entra mais  
 por mais que suplique não se tira o amor  
 não entra ar não sai não se tira mais seus ais  
 e sobre o corpo prometido a cal e argila  
 se imobiliza enfim uma alegria intransitiva  
 deus é seu hospital



SISCAR, Marcos. **Metade da Arte**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003

**Caderno de Cultura**  
 "Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**  
 O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA  
 ISSN 2238-6467

**UNEMAT**  
 Universidade do Estado de Mato Grosso

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários **PPGEL**

**EDITORES**

*Walnice Vilalva* é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

*Lilian Reichert Coelho* é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

*Maria Madalena da Silva Dias* é graduada em letras, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL).

*Fabiola Tormes*, direção e jornalismo do Diário da Serra.

e-mail: [wdiaspinono@gmail.com](mailto:wdiaspinono@gmail.com)

**ENDEREÇO**  
 Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II • Tangará da Serra - MT CEP: 78300-000 Fone(65)  
 3326-4724 Fax:3326-6501

Este caderno é parte integrante do Diário da Serra  
[www.diariodaserra.com.br](http://www.diariodaserra.com.br)

# SOBRE A POESIA QUE VENDE

Marcio Siscar (UNICAMP)

A ideia do desinteresse em relação à poesia refere-se, portanto, em primeiro plano, não exatamente à leitura, mas à venda de livros (2% do mercado de livros de ficção, em 2012). Ainda aí há complicações. Em 2013, a tese da marginalidade mercadológica tornou-se algo insólita com o *best seller* de Paulo Leminski, *Toda poesia*, publicado pela Co. das Letras, livro que chegou aos 100 mil exemplares vendidos em pouco mais de um ano. *Poética*, de Ana Cristina Cesar, também não fez feio e seguiu-se a ela outra compilação, de Wally Salomão, no setor de “clássicos” contemporâneos ainda não “resgatados” (como disse uma das editoras da casa). A poesia portanto é resgatável, também comercialmente.

Outros editores, inclusive pequenos, vêm mostrando um interesse já consolidado pela poesia, publicando-a “discretamente”, não raro de modo artesanal. A situação, bem diferente do aberto descaso de que sofria o gênero há algumas décadas, merece atenção do ponto de vista crítico e editorial.

A Co. das Letras tem sua especificidade. Ao lado dos poetas ligados ao pop dos anos 1970, a editora vem publicando também sucessos modernistas já estabelecidos, como Vinícius de Moraes. A compra dos direitos de publicação de Drummond, em 2012, foi um acontecimento importante na agenda comercial do livro. O lançamento, em 2017, das *Poesias reunidas* de Oswald de Andrade e a previsão de lançamento da poesia completa de Hilda Hilst parecem indicar uma nova estratégia. Nota-se que a tentativa de atribuir glamour comercial à poesia, apoiada no aparato da publicidade, tem sido capaz de mobilizar setores especializados da mídia e a atenção dos festivais.

Com exceções pontuais, a Co. das Letras sempre publicou poesia esparsamente. Com relação à poesia brasileira, a consolidação do catálogo é ainda mais recente e a escolha de autores, relativamente arbitrária. Se a publicação de poesia pode ser vista como uma concessão que se faz a determinados círculos intelectuais, como um verniz de civilidade dentro da lógica de mercado, gerando “sucesso de estima”, não se pode menosprezar a tendência da incorporação ao catálogo de nomes do *showbiz*, de tudo aquilo que circula bem nas colunas e nas redes sociais. De Gregório Dudivier e Arnaldo Antunes a Fernanda Torres, isso é perceptível não apenas no caso da poesia. Mas a notícia de uma antologia de poesia brasileira contemporânea organizada por Adriana Calcanhoto não deixa de ser bom exemplo dessa estratégia, que visa associar ideia de livro e ideia de produto.

Não acredito que se possa contestar, como formulação de princípio, o trabalho de dar publicidade a um bom livro. Há um risco real, entretanto, em transformar

em critério editorial traços característicos da lógica do marketing, ou seja, daquilo que procura adequar-se à previsibilidade do gosto do público (dito “médio”) ou, pior, de um desejo de compra (esfera da sedução de produto).

Não há receita para saber o que é boa literatura. Nem as políticas editoriais são tão lineares. Mas há um problema quando o projeto de livro limita-se à opção entre gerar o produto novo e reciclar o produto fora de catálogo. Outras variantes precisariam ser consideradas, como os debates em curso sobre problemas contemporâneos, as questões de crítica e história literária, a natureza das discussões sobre a poesia, a situação editorial dos principais livros da poesia brasileira, a relação da edição com o ensino, a presença da poesia internacional na produção literária, o tipo de leitor que queremos constituir.

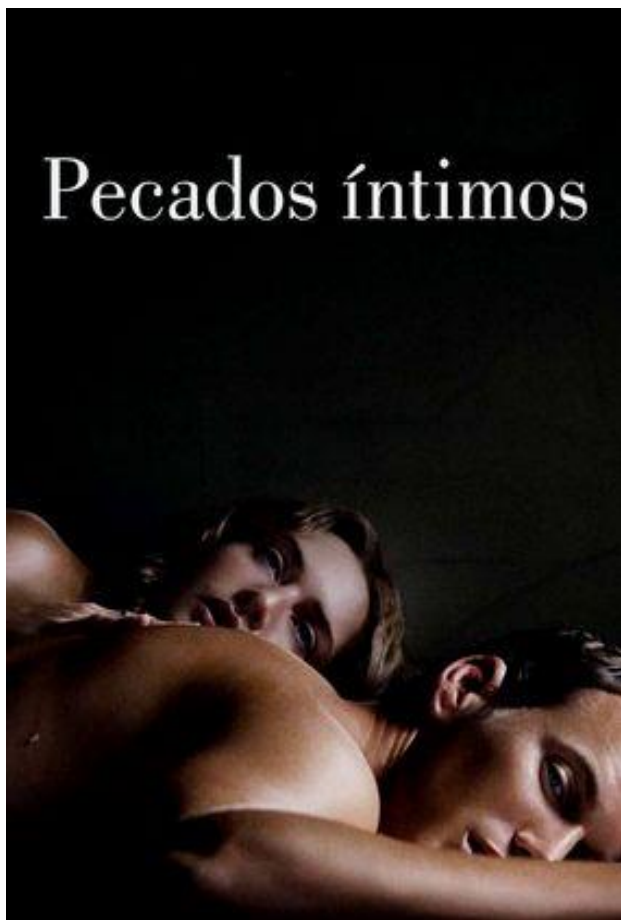
A impressão é que a dimensão pública da poesia é minimizada pelos editores. Basta ler as orelhas, as entrevistas, considerar determinadas intervenções na mídia para se perceber uma espécie de afetação pessimista a esse respeito. Quando se transforma em descaso intelectual, apartado do ambiente no qual as obras circulam, acaba por justificar o que se assemelha a um niilismo mercadológico, que exaure determinados espaços para poder reocupá-los, legitimando seus objetos pela mera exposição no espaço público.

Mimetizada pelos próprios autores, em outras circunstâncias, a postura causa consternação. Mas naturalizada como *modus operandi* da literatura, suas consequências podem ser ainda mais desastrosas. Valeria a pena avaliar se isso nos basta como vida literária.



## PECADOS ÍNTIMOS

Samuel Lima da Silva (PPGEL/ UNEMAT)



Em cena do filme estadunidense *Pecados íntimos* (*Little Children*, EUA, 2006, 137 min.), a protagonista Sarah (Kate Winslet) encontra-se num clube de leitura, em que precisa provar o caráter heroico de Ema Bovary. Nesse intuito, frente a declarações como “*Ela trai o marido com três caras, perde dinheiro e se mata com veneno de rato... eu preciso mesmo ler isso?*”, ou ainda, “*Ela tinha escolha. A escolha de não trair o marido*”, Sarah rebate tais afirmações, quase apócrifas, com a belíssima argumentação: “*Ela está presa, mas tem escolha. Pode aceitar uma vida infeliz ou lutar contra isso. E escolhe lutar. Ela fracassa no final, mas há beleza e heroísmo em sua rebeldia [...] Não é traição, é o desejo. O desejo por uma alternativa... e a recusa em aceitar uma vida infeliz*”.

Nessa analogia ao texto de Flaubert, o filme dirigido por Todd Field conduz-nos à história de Sarah, mulher casada e infeliz, que comete adultério com Brad (Patrick Wilson), seu vizinho, também casado. O roteiro agrega a essa relação demais personagens cujas histórias vão se desenvolvendo ao longo da narrativa: Ronnie (Jackie Earle Haley), pedófilo recém-saído da prisão, que tenta readaptar-se à sociedade; Richard (Gregg Edelman), esposo de Sarah, viciado em pornografia virtual, além de outros personagens que evidenciam tanto uma possível futilidade da vida matrimonial como os desvios de conduta que o tédio pode causar.

À medida que Sarah e Brad se relacionam, apresentam-se camadas de erotismo, solidão, egoísmo e hipocrisia, estando todos estes elementos entrelaçados ao simples desejo de fuga, de liberdade. Baseado no livro homônimo do escritor Tom Perrota (que colabora no roteiro da produção cinematográfica), a trama é delimitada especialmente pela vertigem do corpo e pelos desvios morais que possam derivar do sexo. O filme *Pecados íntimos*, nossa sugestão do mês, corporifica uma estética da urgência – seja do corpo, seja do espírito – que, quando liberta, destrói os muros sociais que alienam os indivíduos.

## Livro de Cabeceira

## ESTRANHOS ESTRANGEIROS

Marcos Visnadi (DLCV/USP)

Essa sensação de ser um miolo de pão amassado deixado rejeitado na borda do prato. A noite tem uma textura viscosa, você cansa para inalar a gosma do ar, o futuro é silencioso, escuro, motor de carro na distância. Meu livro de cabeceira nem chega a ser um livro. Eu tinha quinze anos, dormia no sofá da sala da casa da minha avó, só podia passar as madrugadas de luz acesa na cozinha, sentado com frio na cadeira dura, e este foi o único livro que me manteve acordado todas as noites: *Estranhos estrangeiros* (1996), de Caio Fernando Abreu. Capa soturna, livro póstumo, raspa de tacho da editora. Três contos e, no fim, uma novela: Pérsio e Santiago desbravando a noite de São Paulo, os bares, os amores, uma lagartixa atrás do quadro. “A vida é apenas uma ponte entre dois nada e tenho pressa”. Passarei a vida inteira tentando descrever aquela solidão e a companhia absoluta que o livro me fez, grifado com todas as cores, com todos os fluidos, uma vida inteira contida em algumas horas entre o fechar e o abrir de olhos das pessoas que não têm a menor ideia do que se passa no assento inclinado do carro de um desconhecido, no carrinho de um pipoqueiro onde as putas vão tomar refrigerante, num ponto de ônibus vazio onde ônibus nenhum vai passar. Chama “Pela noite” o último texto de *Estranhos Estrangeiros*, que já havia sido publicado anteriormente em *Triângulo das águas* (1983), do mesmo autor, sob o signo do Escorpião, aqui a cauda de um dragão cansado e sem lugar de pouso. “Ao som de ‘Years of Solitude’, de Astor Piazzolla e Gerry Mulligan”, o texto pede a sabedoria cafona e arrogante de uma bicha velha sábia e didática. Mas, no centro do coração, sempre pulsa aquele mesmo miolo compacto e sujo, esperando uma borda de prato para se sentir em casa – esperando que um carro passe pra arrancar a monotonia junto com a virgindade – esperando – um acontecimento. O sexo anal, transformado em palavras, engole as noites calmas de todas as cidades do interior do país. O cu é uma metrópole

acesa cheia de homens perdidos, esperançosos de uma cama quente que lhes faça companhia e que tenha ao lado um criado-mudo, e sobre ele um abajur que eu possa, finalmente, apagar em paz.

